

## PAULO FREIRE: ENTRE LUZES E IDÉIAS

### *PAULO FREIRE: BETWEEN LIGHTS AND IDEAS*

Margarida Montejano da SILVA<sup>1</sup>

A experiência diz que os órgãos dos sentidos e a maneira de ser das pessoas vão se acomodando desde cedo, desde o momento em que inicia o processo de interação com a temperatura, a textura, a umidade, a acústica, o espaço, o cheiro, a luminosidade e a obscuridade tangíveis.

Diz também que, junto à aprendizagem sensorial imediata, as relações interpessoais e outras experiências mediadas, enigmáticas e cognitivas vão se desenvolvendo. Assim seguem o homem e a ciência, construindo a história, a cultura e as sociedades. Desafiando a natureza e a si mesmos, rumam ao desconhecido em busca do conhecimento e de explicações para a vida.

Destarte, o conhecimento, razão de ser destas buscas, feito caverna de dimensões ignoradas, apresenta, a cada avanço da humanidade, um distanciamento real que a impede de desvendar o seu interior e exterior. E, como a um desafio, provoca, nos fochos de sabedoria e inteligência humana encontrados, a possibilidade utópica de enxergar a luz.

Olhando a evolução humana e a história dos homens, é possível encontrar lampejos de lucidez, criatividade e harmonia, assim como reais traços de individualismos, ganância pelo poder, guerras e destruição. Para além destes comportamentos, sabidamente humanos,

encontramos também a esperança, o desejo de ser feliz e a sede insaciável do saber que, de forma contundente, vem, através dos tempos, confirmando o quanto somos inacabados.

Para ilustrar estas idéias, uma interpretação simbólica e alguns fragmentos da história de Paulo Freire, alguém que foi e continua sendo considerado a frente de nosso tempo.

Conta a história que, enquanto coisas aconteciam lá fora, lá de dentro da caverna era possível perceber movimentos de imagens e sons ininteligíveis, trazidos pela luz e pelo vento que penetravam por entre as fendas das paredes. Apesar da agitação aparente, tudo parecia exatamente igual e nada modificava a estrutura e a base daquela existência.

O fato é que o jovem prisioneiro, acorrentado às imposições ideológicas e condições sócio-econômicas desfavoráveis da caverna, ousou romper com o estabelecido. Para ajudar a família, dava aulas particulares sobre algumas leituras que tinha elaborado e sonhava ser doutor para defender sua gente.

Gente de uma realidade espoliada de tudo, de água, das letras e da vida. Realidade comprometida pela seca, fome, desesperança e, dentre tantas outras misérias, a cultura do silêncio e da morte compunha o cenário daquelas mulheres, homens e crianças alijados do direito a uma vida decente.

<sup>(1)</sup> Doutoranda em Psicologia Escolar. Mestre em Educação pela PUC-Campinas e Professora de História da Educação na FEOB - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São João da Boa Vista.

Apesar da força truculenta daqueles que controlavam a luminosidade da caverna, o menino cresceu lendo e tecendo pensamentos sobre aquele mundo. Seguiu ele se importando e se indignando com a maneira de viver de si mesmo e daqueles que se submetiam aos desejos, às imposições e aos grilhões da ignorância e do medo.

Um dia, já adulto, observando melhor as paredes da caverna procurou saídas, avaliou e re-avaliou aquela realidade e, num grande esforço, ousou encarar o desconhecido. Resolveu enfrentar os riscos, mover o mundo e conhecer o que o tornava obscuro.

Escolheu, dentre outras possibilidades e por influência de outros daquele contexto, trilhar o caminho da educação. Acreditava, com todas as suas forças, que era essa a porta que apresentava a saída da caverna.

Forçou a pedra que o mantinha preso e saiu. Os desafios intensificaram-se e numa claridade estonteante, viu-se confuso, mergulhado num mar de questões que desde menino vinham lhe atormentando a alma. O que é o real? É isso ou aquilo? Por que tanta desigualdade entre os homens? Quem definiu como certos os contornos, as formas e as sombras que vemos? Quem disse que isso tem que ser assim?

Numa perturbação profunda tateou o homem a areia. Viu a claridade da água, a beleza da flor, o azul do céu e ouviu o som agradável do vento e o melodioso ritmo do cantar dos passarinhos. Leu as palavras escritas, interpretou os códigos e compreendeu que lia o mundo a partir da leitura que tinha construído. Compreendeu que os outros companheiros, ao seu modo, liam também. Que não havia porteiros e nem limites na capacidade cognitiva humana e que nada estava definitivamente pronto. Que era possível mudar o mundo aparente e acreditava veemente que, através de outras leituras, a da amorosidade, da partilha e do diálogo, era possível transformá-lo em um mundo melhor. Perspicaz e fiel ao sonho e

sensível a realidade desmitificada, percebeu claramente quem eram e o que queriam os responsáveis pelas sombras projetadas no interior da caverna.

Comprometido com o sonho de liberdade e embebido de esperanças, resolveu retornar e contar aos outros, aqueles que ainda permaneciam na penumbra, que haviam cores, letras, palavras e sons. Havia significados e o significado para ver, ler, interpretar, escrever e viver o mundo.

Regressou então o homem e, com incansável desejo de luta, reuniu os que arriscavam sonhar. Chamou também os incrédulos e os apáticos. Com uma paciência impaciente, contou como conta um menino que sonha, que era possível a mudança. Insistiu na idéia de que era possível uma luta consciente e capaz de construir a dignidade e a justiça. Ouviu os que tinham algo a dizer e tentou, através de palavras e ações, provar que as coisas não estavam pré-determinadas. Conseguiu provar a alguns que o fatalismo não existe e o caminho não era o das pedras, mas o da coragem, do pensamento, das letras e das palavras. Preparou tudo, preparou as gentes e a si mesmo para a tarefa que poderia libertar mulheres e homens das correntes do silêncio, das misérias humanas e dos individualismos.

Quando tudo parecia caminhar e a história parecia receber as primeiras aquarelas, os que mantinham a escuridão da caverna, incomodados com a leitura que vinha sendo desenvolvida e temendo que a claridade dela se apossasse, resolveram agir. Acusaram o homem de subversivo. Prenderam-no, rejeitaram as suas idéias e houveram por bem exilá-lo.

Conta a história que o educador da caverna chorou, mas não se abateu. Impregnado de lucidez, tomado de intencionalidade ético-política e embebido do desejo de modificar a realidade de pessoas silenciadas pelo discurso oficial, foi brilhar noutras paragens. Mudou de caverna

mas não de briga. Foi ensinar e aprender com outros que careciam também de romper com a escuridão imposta e despertar, através da educação, para uma leitura crítica e viva da realidade.

Muito tempo depois o homem exilado regressou à antiga caverna. Lendo as marcas

deixadas nas paredes e, mais amadurecido no mesmo sonho de outrora, reescreveu-as.

Marcou a ferro e fogo a sua passagem e forjou na história a idéia de que, para colher, é preciso bem mais do que apenas semear e que, para estar à frente, é necessário antes enxergar a luz.